

## TERRITÓRIO-CORPO-NATUREZA, UMA REFLEXÃO A PARTIR DO RACISMO AMBIENTAL

Pammella Casimiro de Souza <sup>1</sup>

### RESUMO

A relação entre território-corpo-natureza em espaços periféricos revela a invalidação e afastamento dos sujeitos não-brancos da conservação da Natureza. Diante dessas reflexões, o texto propõe a importância das Geografias Negras como contribuição para o debate sobre Racismo Ambiental no contexto educacional. Para isso, foi realizada uma análise bibliográfica alinhada ao processo de escrevivência e observação participante da 4ª Feira de Ciências, Tecnologia e Cultura do CIEP Brizolão Municipalizado 405 - Ministro Santiago Dantas. A Discussão sobre Racismo Ambiental na Ciências oportuna combater invisibilidades estatais e, oferecer outra perspectiva do território e do sujeito, tanto dentro quanto fora das salas de aula. Que ao dialogar com Geoafgrafias Negras, possibilita uma abordagem educativa mais eficaz e alinhada a discussões racializadas do ambiente, território e natureza.

**Palavras-chave:** Racismo Estrutural, Geografia Negras, Escrevivências.

### ABSTRACT

The relationship between territory-body-nature in peripheral spaces reveals the invalidation and distancing of non-white subjects from nature conservation. In light of these reflections, the text proposes the importance of Black Geographies as a contribution to the debate on Environmental Racism in the educational context. To this end, a bibliographical analysis was carried out in line with the process of writing and participant observation at the 4th Science, Technology and Culture Fair at CIEP Brizolão Municipalizado 405 - Ministro Santiago Dantas. The discussion on environmental racism in the sciences is opportune to combat state invisibilities and offer another perspective on the territory and the subject, both inside and outside the classroom. By dialoguing with Black Geographies, it enables a more effective educational approach aligned with racialized discussions of the environment, territory and nature.

**Keywords:** Structural Racism, Black Geography, Writings.

### INTRODUÇÃO

Em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não tomá-la como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo (ALMEIDA, 2018, p. 44).

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, pamicasimiro@edu.unirio.br

Há uma falsa verdade de que o corpo-não branco que ocupam espaços anteriormente negado como as universidades, posições de liderança e destaque na política etc., tem a responsabilidade de corrigir um sistema falho, hegemônico e racista. Chamo os corpos não-brancos para um reolhar de si no território e convido-os a trocar a palavra responsabilidade (no sentido de culpa) por propósito. O que eu posso fazer como corpo não-branco dentro dessa estrutura/espaço? Qual é o meu propósito (responsabilidade no sentido de devolução) com o meu corpo, povo e território?

A partir dos questionamentos supramencionados, entendemos que há uma necessidade de se discutir e repensar como opera a lógica geográfica social na qual estamos inseridos. Silvio Almeida (2018) apresenta o conceito de Racismo Estrutural, duas palavras que juntas modificam todo um modo de vida do corpo preto, seja no trabalho, saúde, educação ou lazer.

Almeida (2018) também nos ensina que há três concepções do racismo: Concepção Individualista, na qual podemos entender como práticas feitas por um grupo ou isoladamente, que se manifestam principalmente na forma de discriminação direta e individual. Concepção Institucional, onde temos como exemplo as instituições religiosas, políticas e educacionais, que exercem uma influência sob as regras e normas que atravessam e orientam a população. Concepção Estrutural, que é a “decorrência da própria estrutura social, ou seja, de modo normal com que se constituem as relações políticas econômicas jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (ALMEIDA, 2018, p. 38, grifo do autor).

Tendo isso em mente, percebemos que o racismo estrutural interfere na plena e saudável qualidade de vida da população não-branca, no seu território, na maneira de se ver como cidadão e sujeito de direito, nas suas relações e atuação na sociedade. O que se intensifica nos territórios e corpos pretos e periféricos, exemplificado na fala da Elza Soares (2002) quando diz que "A carne mais barata no mercado é a carne negra". Não só a carne como o seu território, atuação e existência também.

Segundo Milton Santos (1998), o entendimento de território é “fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro”. E que o sujeito apresenta um valor semelhante ao território habitado, onde seu valor vai mudando de acordo com a localização, condições sociais e raça (SANTOS, 2007).

Cada indivíduo, organização e instituição, se relaciona com o território e meio ambiente de acordo com suas origens, crenças, tempo e necessidade. Ao pensarmos na tríade território-corpo-natureza (REIS, 2021) em espaços periféricos e marginalizados, percebemos que tem sua Natureza invalidada, não reconhecida e afastada dos movimentos de conservação/preservação,

tanto a Natureza verde, quanto a de carne e osso. Estabelecendo-se como locais de apoio ao desenvolvimento (in)sustentável do crescimento econômico dos centros geográficos e sociais, gerando uma distribuição desigual dos danos e impactos socioambientais, evidenciando o Racismo Ambiental (CASIMIRO, 2021).

A partir dessas reflexões de responsabilidade e retorno, assim como o entendimento de uma lógica racista que leva um corpo e território preto ser impactado negativamente em detrimento da existência e permanência da branquitude (BENTO, 2022), objetivamos refletir como as Geografias Negras colaboram para o debate sobre Racismo Ambiental no ambiente formal de educação. Para isso apresentaremos o que entendemos como Geografias Negras, assim como o conceito de Racismo Ambiental, e como a aproximação das teorias e conceitos atrelados à prática podem contribuir para o enfrentamento do Racismo Ambiental.

## **METODOLOGIA**

“Escrevo o que vi e o que estou vendo. Escrevo o que ouvi e estou ouvindo. Escrevo aquilo que gostaria de ter lido e quero que leiam sobre mim, sobre nós. Que fique para a história, para minha história, para nossa história. Para a história do Povo Preto, da mulher preta, da criança que sonha e que virou cientista. Com isso pretendo seguir escrevendo e vivendo, assim como Conceição Evaristo me inspirou”. (Casimiro, 2021, p. 13)

Essa pesquisa foi desenvolvida no intuito de contribuir com os estudos sobre Racismo Ambiental e gerar conhecimento que seja útil para a ciência e para as pesquisas relacionadas à Geografia Negra. Através de um conjunto de metodologias com caráter explicativo, que tem como objetivo básico a identificação dos fatores que dialogam com a ocorrência do Racismo Ambiental. Um trabalho que possibilita a conexão do conhecimento teórico acadêmico à prática através da escrevivência. O produto desta pesquisa é gerar informação e conhecimento veiculado, difundido e consolidado pelos princípios de validade e legitimidade científicos, embasado no saber tradicional/local, escrevivências e histórias orais (CASIMIRO, 2021).

Para a geração de dados, três técnicas foram empregadas, a observação participante, realizada durante o processo de avaliadora de projeto, no dia 22 de setembro de 2023, na 4ª Feira de Ciências, Tecnologia e Cultura do CIEP Brizolão Municipalizado 405 - Ministro Santiago Dantas, no município de Duque de Caxias. A escrevivência, das memórias e oralidade dos sujeitos e territórios atravessados, e a pesquisa documental, de artigos/escritos sobre a temática de Geografias Negras e Racismo Ambiental.

Assim como no início do fazer geográfico, onde a função descritiva do que era visto, sentido e interpretado embasava e norteava as pesquisas e descobertas da época, prática esta

que se perdura até os dias atuais, este trabalho se assemelha. Contudo, partindo do método de que dialogue com a realidade para além das necessidades e exigências academicistas, duras e que escreve imparcial e só. A escrevivência, apresentada por Conceição Evaristo (2017) e trazido como metodologia academia por Giovana Xavier (2019), possibilita o corpo preto que escreve se apresentar como nos trazer o plural da ortografia e da vida para a pesquisa.

A escrevivência é o caminho para materialização daquilo que se vê, ouve e sente. É um meio de existência e resistência de corpos outros dentro e fora das instituições de ensino. É intersecção entre os saberes, disciplinas e faculdades, pois se escreve a partir de um eu comum que independe do curso na qual a escrita está direcionada. É o ponto de encontro entre teoria e prática que possibilita geografar o sentir racializado.

Para a pesquisa documental correlacionando diretamente os dois conceitos norteadores, pesquisamos Geografias Negras entre aspas no Google e selecionamos sites que apresentassem uma coletânea com a temática central. Após a pesquisa, chegamos a dois resultados, o livro “Geografias Negras e Estratégias Pedagógicas”, produzida a partir das atividades desenvolvidas na disciplina “Geografias negras: conceitos, métodos, processos educativos e linguagens”, no Programa de Pósgraduação em Geografia da UFF. E a da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as), com o caderno tematico “Georafias Negras”. A partir desse levantamento, com a orientação do Prof. Dr. Nilton e Prof. Dr. Ivan, docente do curso de geografia da UERJ, selecionamos a revista para realização de um estudo investigativo, com uma análise inicial dos artigos.

A análise dos textos foi realizada com o objetivo de identificar no artigo as vulnerabilidades socioambientais/espaciais e sua representação e apresentação para o leitor por meio do conceito de Racismo Ambiental ou Injustiça Ambiental. Ou seja, pretendemos entender se as questões de impactos negativos na sociedade e ambiente eram abordadas nos artigos como Racismo Ambiental ou Injustiça Ambiental.

Para isso, foi feita uma análise inicial dos artigos em três etapas. A primeira consiste na interpretação do título, leitura do resumo e das palavras chaves. Segunda, busca direta dos conceitos procurados (Racismo Ambiental e Justiça Ambiental) e palavras chaves (ambiente, natureza, saneamento, água), para isso utilizamos o atalho Ctrl+F<sup>2</sup>. A terceira etapa só era realizada se as duas anteriores apontavam índices de que o texto dialogava, direta ou

---

<sup>2</sup> Ctrl F (ou Command F se você for chique e da moda e usar um Mac) é um atalho presente em todos os navegadores de internet e também em editores de texto que possibilita que você procure uma palavra ou frase no documento ou página em questão. Ao apertar as teclas "Ctrl" e "F" do seu teclado, um campo de busca aparecerá, aí basta digitar a palavra do que você tá querendo achar e pronto, ele destacará todos os locais na página que a palavra aparece. Disponível em: [https://www.portalcab.com/faq/ctrl\\_f.php](https://www.portalcab.com/faq/ctrl_f.php).

indiretamente, com o conceito de Racismo Ambiental, que consiste na leitura do primeiro capítulo do artigo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Evidenciar a vertente racial no diálogo sobre meio ambiente se tornou cada vez mais imprescindível, tendo em vista que os impactos ambientais potencializados pelas mudanças climáticas, desmatamento, chuva ácida, agrotóxicos dentre outros, afetam de maneiras desproporcional o corpo preto, seja era rural ou da cidade (BELMONTE, 2023). Intensificando e evidenciando as disputas de poder, sobrevivência e busca por existência dos corpos e territórios não-brancos.

Segundo Mondardo (2009, p. 2), “desde os primórdios o corpo foi necessariamente o primeiro território de construção das relações e, portanto de dominação e controle dos indivíduos”. Se perceber um corpo racializado é o primeiro passo para a discussão de racismo ambiental (CASIMIRO, 2021). A partir do momento que você se enxerga, não só como deseja, mas como é visto, isso abre caminho para a percepção para além de si. Se entender como um corpo não-branco nos permite e nos estimula a reconhecer o que somos, onde estamos e o território que habitamos. Sair da doutrinação do que é belo, bom e agradável aos olhos da branquitude, e poder acrescentar novas lentes a forma de se ver no mundo e se entender como Natureza (REIS, 2021) abre caminho para ver o diferente, cultivar as diversidades e fugir da ideia limitada e rasa do que é natureza, apresentada por um sistema opressor. E trazer a Natureza dos corpos pretos como território e prática de conservação.

À medida que nos permitimos galgar novos espaços dentro e fora do corpo-território, trabalhamos um olhar crítico e panóptico em relação ao habitar e ser. Com isso, estamos um passo mais perto de nos entendermos como Natureza e superar a questão tão discutida pelas ciências que é a separação humano(homem)- natureza (KRENAK, 2019). Ao caminharmos em direção à consciência do corpo, da Natureza e do território, podemos introduzir o conceito de Racismo Ambiental a partir do pensamento crítico e racializado da produção do espaço geográfico.

A discussão acerca do Racismo Ambiental se iniciou nos Estados Unidos na década de 80, e teve destaque quando uma comunidade negra da Carolina do Norte resistiu contra a instalação de um aterro químico na vizinhança. Através do reverendo Benjamin F. Chavis Jr., cria-se a expressão Racismo Ambiental para designar a desigualdade ambiental e territorial imposta à população negra (SOUZA, 2015; CASIMIRO, 2021).

Segundo Bullard (2000, p. 42), se caracterizam como Racismo Ambiental:

as políticas públicas, ambientais, práticas ou diretivas que afetam de modo diferente ou prejudicam, de modo intencional ou não, indivíduos grupos ou comunidades de cor ou raça. O Racismo Ambiental é reforçado pelo governo assim como pelas instituições legais econômicas, políticas e militares.

Pensar o Racismo Estrutural e Ambiental, nos possibilita entender a trama e organização de política de morte e subalternização a qual os corpos e territórios pretos são submetidos. Entender como o sistema funciona nos permite traçar estratégias de sobrevivência e existência de si e do território.

Como reflexo desse modo de produção, opera a ideia de meritocracia atrelada ao território e seus sujeitos, ou seja, como se um território e seus habitantes merecessem acomodar os impactos negativos do desenvolvimento, para que locais socialmente valorizados pudessem continuar gozando dos resultados positivos do desenvolvimento estabelecidos nos espaços socialmente e geograficamente marginalizados.

Apesar do caso emblemático que originou o conceito de Racismo Ambiental ter acontecido há décadas atrás, ainda se faz muito presente na atualidade, não só nos Estados Unidos como na maioria do continente. Isso se dá devido ao mecanismo de produção e desenvolvimento que opera sob as sociedades, o capitalismo, assim como o racismo. Partindo do ponto em que estas realidades já estão postas, pensamos como contornar o cenário atual em busca de enfrentamento a injustiças socioterritoriais, por meio da pesquisa, divulgação científica e resistência de corpos outros como o preto e periférico dentro dos espaços de decisões como a universidade, política e dentro dos territórios atingidos.

Pensar e descrever a produção espacial, a paisagem, a vida em sociedade e consequentemente a Natureza, é tido como uma das atuações da geografia na atualidade (GUIMARÃES, 2020). Contudo, a dificuldade de acesso, diálogo e representações de toda diversidade socioespacial é uma herança presente de um fazer geográfico racista e excludente, onde por muito tempo o domínio e produção científica estava condicionado a um grupo específico, de preferencia homens brancos e cisgênero. Com estratégia, resistência e luta, tal cenário vem sofrendo alterações positivas, sendo reforçada principalmente por políticas de ação afirmativas e leis como a Lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

Pensando em termos de colonização territorial, muitos grupos sociorraciais (indígenas da América e africanos) não mantiveram suas histórias contabilizadas em dados para estudos, por conta da oralidade de suas culturas e do condicionamento subserviente imposto pela escravização. Muito menos foram levadas em consideração as suas formas próprias de organização do espaço (política, econômica e social). Tal processo pode ser justificado pelo caráter inferiorizante e hierárquico colonial que resultou em menosprezo de seus conhecimentos, o que chamo de racismo. Além de desconsiderar a organização socioespacial, por meio do processo de escravização, promover uma

tentativa de desumanização dos corpos indígenas e africanos por justificativas de inferioridade baseadas no fenótipo o que resultou na coisificação de seres humanos e no enorme comércio de escravizados do Atlântico Sul (GUIMARÃES, 2020, p. 295).

Como resposta, estratégia de permanência e novos futuros possíveis dentro da academia, surge a Geografia Negra no Brasil, que pode ser entendida como “fruto de uma articulação e militância acadêmicas forjadas no combate ao racismo acadêmico, intelectual, epistêmicos presentes nas universidades brasileiras”. Que pensa as questões geográficas a partir de corpos e territórios vindos do processo diaspórico de povos africanos no mundo (GUIMARÃES *et al.*, 2022, p. 12).

Entendemos por Geografia Negra a busca por compreensão das relações étnico-raciais, brasileiras e em diáspora, a partir dos conceitos geográficos, mas com a questão racial no cerne da história e produção intelectual. Instigando e promovendo o protagonismo de pessoas negras dentro do saber acadêmico, tanto produzindo quanto consumindo (CIRQUEIRA; GUIMARÃES; SOUZA, 2020).

A geografia Negra vem como um caminho para o desaguar do corpo racializado dentro dos estudos geográficos. Possibilitando um reconhecimento de si e do território dentro da academia para além da história única (ADICHIE, 2019) contada pelo lado hegemônico e branco que se limita em aprovar ou reprovar o saber de si e se apropriar, roubar conhecimentos e saberes tradicionais.

No contexto das geografias negras, percebemos que esse campo emerge como um espaço de encontro e, ao mesmo tempo, de confronto e conforto dentro do universo das ciências geográficas. Representa um caminho possível e de esperança, uma trajetória que busca transcender a abordagem tradicional que invisibiliza o corpo preto e o reduz a uma posição objetivada e muitas vezes marginalizada.

Através de uma lente geográfica negra, os estudiosos descobrem como a identidade social do corpo de alguém pode funcionar como indicador espacial. Raça, classe, gênero e sexualidade determinam padrões de habitação onde os negros devem negociar lugares e espaços de negação e resistência. A análise da geografia negra fornece insights sobre como as ideias de organização geográfica moldam espaços vividos e imaginados (BLACKFEMINISMS, 2023).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a análise dos textos presentes no caderno temático Geografias Negras, evidenciam ausência de troca direta, ou seja, aparição do termo e semelhantes, das pesquisas apresentadas com o conceito de Racismo Ambiental e justiça ambiental, é inegável a existência do diálogo sobre natureza, meio ambiente e território nos escritos que compõem o caderno temático. Nos 19 artigos analisados e nos textos de apresentação e “Introdução Do Caderno

temático “Geografias Negras”, apenas dois apresentaram um diálogo evidente com o conceito norteador. Ambos os textos tratam da questão de moradia, dando foco nas dificuldades com regularização fundiária, planejamento urbano paulistano e políticas habitacionais. Sendo trabalhados através de conceitos como Racismo Estrutural e Racismo Institucional. Por conta disso, utilizamos o referencial teórico resultante do levantamento bibliográfico realizado durante o processo de graduação sobre o conceito de Racismo Ambiental e território. E para geografias negras, tomou-se como base escritos do livro *Geografias Negras e Estratégias Pedagógicas*.

E em concordância com nossas referências, acreditamos que somos resultados da resistência e resiliência de geógrafas(os) como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e Milton Santos (GUIMARÃES, 2022). É inegável a importância da Geografia Negra para a permanência de corpos não-branco dentro da universidade e da construção de narrativas outras sobre os sujeitos subalternizados.

Ao olhar o conceito de Racismo Ambiental em conjunto com a literatura de Geografia Negra, é possível captar a sensibilidade e intersecção entre os autores e o conteúdo abordado. Além de trazer maior representatividade no campo acadêmico e na produção de dados acerca dos territórios marginalizados.

Assim como no território e meio ambiente, o corpo preto e periférico dentro da sala de aula, muitas das vezes não se ver reconhecido, representado ou visto por aqueles que agem em prol do desenvolvimento, isso quando não são colocados em lugares de subalternidades e não produtores de saber. Pensar a Natureza, as tradições, a cosmovisão de quintal através das Geografias Negra, é uma possibilidade de reconhecer as inteligências que vem de berço, de herança e ancestralidade, possibilitando uma nova narrativa para os corpos e vozes que não adentraram a o espaço formal de educação.

Fortalecendo a presença e retorno de corpos e territórios pretos para a sala de aula para além do papel como objeto de estudo. Promovendo uma confluência (SANTOS, 2015) entre raça, meio ambiente e território.

Ao ser convidada para ser avaliadora de projetos na feira de ciência, tendo racismo ambiental com o tema gerador<sup>3</sup> (FREIRE,2016), me causou um misto de emoções por se tratar do meu campo de pesquisa e por ser em uma escola pública em Duque de Caxias, no meu lugar. Os trabalhos avaliados foram elaborados e pensados pelas turmas do fundamental do 6º ao 9º

---

<sup>3</sup> Temas que têm a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas.





ano em conjunto com seus professores. Fiquei responsável por avaliar sobre 3 trabalhos do sétimo ano e 5 trabalhos do nono ano (Quadro 1).

Quadro 1 – Títulos de trabalhos avaliados por Pammella Casimiro na Feira de Ciências

7º Ano	9º Ano
Resíduos Sólidos	Desmatamento da Amazônia
Turismo Ambiental	Tráfico Internacional de Lixo
Recursos Hídricos	Prejuízos Causados pela Mineração Irregular nas Regiões de Brumadinho e Mariana (MG)
	A Poluição da Baía de Guanabara
	Garimpo Ilegal

Fonte: Elaboração própria

Como um todo foi possível perceber que a maioria dos projetos elaborados tinham como território de análise e de disputa de pensamentos o próprio bairro dos alunos que também era onde se encontrava a escola. Um dos critérios de avaliação elaborado pelos professores da unidade foi o método de pesquisa que o projeto elaborado (Figura 1) o que auxiliou na apresentação e reconhecimento do território com outras lentes, como por exemplo através dos dados e comparações com outros locais mais ou menos assistidos pelo poder público.

Figura 1 - Ficha de avaliação do método científico

Fonte: Acervo Pessoal

Além da Feira estimular o trabalho em equipe inserir os alunos de escola pública em um contexto que muitas das vezes só é apresentado quando se chega à faculdade (método científico), essas ações também foram abertas à comunidade (Figura 2), tendo envolvimento dos familiares

da **razão** através das entrevistas da própria escola em outros setores para além dos Professores, como por exemplo administração e os responsáveis pela organização e limpeza do espaço.

Junto a esse processo de reconhecer e se ver nas características que configuram a paisagem de um bairro periférico da Baixada Fluminense no município de Duque de Caxias. Como por exemplo a ausência de saneamento básico, ausência de água e coleta de lixo. Refletir sobre desmatamento na Amazônia o garimpo ilegal a mineração, e refletir a América Latina como a periferia do mundo. Foi feito um recorte racial sobre todo esse cenário apresentado, onde na Figura 3 é possível ver o aluno fazendo uma comparação e apontando com os dedos no mapa como as informações se cruzam. Refletindo tanto sobre as pessoas que eram beneficiadas quanto das pessoas que ficavam com ônus e os impactos negativos de um estilo de vida capitalista e predatório vivido pela nossa sociedade.

Figura 2 - Faixa de divulgação da Feira de Ciências na entrada da escola



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 3 – Aluno apresentando dois mapas da Casa Fluminense e apontando com os dedos a relação de renda média com população negra



Fonte: Acervo Pessoal

Também foi possível perceber as tecnologias sociais e as referências utilizadas pelos alunos para além de dados e sites, mas a oralidade dos mais velhos dos pescadores da Baía de Guanabara que embasaram pesquisas apresentadas na feira. Também foi possível perceber que a utilização de mapas elevou o nível de confiança dos alunos em relação ao conteúdo apresentado, eles assumiram o papel de pesquisadores e mobilizadores sociais em prol da divulgação científica voltada para as questões socioambientais racializadas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguimos na continuidade e construção de possibilidades de imaginar e criar outros cenários possíveis dentro do ensino de geografia, principalmente nos espaços formais de educação. Onde a produção de Geografias Negras convergindo com conceitos que atravessam os territórios periféricos, como Racismo Ambiental, ao dialogarem, podem contribuir para uma atuação mais inclusiva e construção de escre(vivências) alinhadas com a política de reconhecimento e transformação do território.

Diante disso, este trabalho busca revelar a necessidade da expansão da retomada de narrativa do povo preto e a reivindicação da posição de sujeito e pesquisador da própria história e território, divergindo da história única que a branquitude inventou. Onde a publicização dos atravessamentos do Racismo Ambiental, alinhado a uma Geografia Negra contribui para a preservação e conservação da natureza para além de fauna e flora, mas pensando nas memórias, ancestralidade e relação com a terra. Uma possibilidade e oportunidade de apresentação do território e sujeito por uma perspectiva de ação e luta dentro e fora das salas de aula.

A geografia negra na materialização através da Feira de Ciências, com o reconhecimento do eu como indivíduo e coletivo. Vendo na mesma uma possibilidade de publicização e combate a invisibilização do Racismo Ambiental, uma forma de olhar o mundo a partir da sua racialidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018.
- BELMONTE, M. **Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil**. São Paulo. Oralituras, 2023.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- Blackfeminisms. **Black Geographies: Mapping Black Spaces and Places**. Disponível em: <<https://blackfeminisms.com/black-geographies/>>. Acesso em: 23 set. 2023.
- BULLARD, R. **Enfrentando o racismo ambiental no século XXI**. Justiça Ambiental e Cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004
- CASIMIRO, P. S. **Escre(vi)endo a Baixada: (des)estruturação do Racismo Ambiental no bairro de Campos Elíseos**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Ambientais)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.



- CIRQUEIRA, D. M.; GUIMARÃES, G. F.; SOUZA, L. F. Introdução do caderno temático “Geografias Negras”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. Ed. Especi, p. 3-11, 2020.
- EVARISTO, C. **Becos da memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GUIMARÃES, G. F *et al.*. **GEOGRAFIAS NEGRAS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**. São Carlos (SP). Pedro & João Editores, 2022.
- GUIMARÃES, G. F. Geo-grafias negras & geografias negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, p. 292-311, 2020.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras: São Paulo – SP, 2019. 86p.
- MONDARDO, M. L. O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2009.
- REIS, C. T. **Encruzilhadas Geopoéticas na Conservação da Natureza: Territorialidades e Guardas-Parques em Território Cunhambebe**. 2021. Dissertação de Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2021. 399f.
- SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. Edusp, 2007.
- SANTOS, M; SOUZA, M. A. A; SILVEIRA, M. L. **Território, globalização e fragmentação**. 4ed. 1998.
- SOARES, Elza. **A carne**. Maianga: 2002. (3:39 min)
- SOUZA, A. S. **Direito e racismo ambiental na diáspora africana: promoção da justiça ambiental através do direito**. EDUFBA, 2015.
- XAVIER, G. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história!** Rio de Janeiro: Malê, 2019.